



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1305

CURITIBA E A “GUERRA DO COTIDIANO”: AS POLÍTICAS DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL E A CRIAÇÃO DE UM “FRONT INTERNO” NA CAPITAL PARANAENSE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Márcio José Pereira

Universidade Estadual do Paraná

As políticas de mobilização de um “*front interno*” no Brasil foram amparadas pela criação de órgãos federais e estaduais, como comitês, ligas e departamentos que visavam o controle social e econômico através de campanhas, movimentos e ações sociais/comunitárias. O Paraná abrigou várias filiais desses órgãos a fim de manter firmes os propósitos governamentais e mobilizar a população, fomentando um sentimento de terror frente as possibilidades da Segunda Guerra Mundial se desdobrar em solo paranaense. Instalaram-se no Estado a Liga de Defesa Nacional, o Comitê de Defesa Antiaérea, o Comitê de Defesa Passiva, a Liga dos Jovens Patriotas, a Liga Brasileira de Assistência, a Cruz Vermelha, etc., bem como, foram realizadas por esses estabelecimentos campanhas específicas de arrecadação e engajamento da população. Esses órgãos governamentais figuraram na vida dos curitibanos através da presença física de seus imponentes edifícios e nos desdobramentos no cotidiano, através da participação nas ações por eles incentivadas. A fim de entender a ação desses “braços” do Estado na vida cotidiana de Curitiba, objetivamos apresentar, sob a ótica analítica do filósofo colombiano Bernardo Toro, uma análise da documentação reunida pela antiga Delegacia de Ordem Política e Social e pelas manchetes veiculadas nos principais jornais da capital, sendo eles, respectivamente: a Gazeta do Povo e o Diário da Tarde, para concluirmos que a existência desses órgãos serviram não só para perpetuar uma espécie de assistencialismo populista, mas para, incutir um sentimento de “experimentar a guerra”, visando um alinhamento imediato entre a população e o anseios do governo Vargas.

PALAVRAS-CHAVE: Curitiba, mobilização social, sentimento e Segunda Guerra Mundial.

Financiamento: CAPES/CNPQ.

A Segunda Guerra Mundial trouxe aos campos de batalha o conceito de “guerra total”, no qual a mobilização de um “*front interno*” era tão importante quanto as vitórias nas trincheiras. A infraestrutura para manter a guerra em curso e a manutenção militar do país envolvia todos os recursos civis e todas as classes da

sociedade. Para Cytrynowicz, *"a existência de um front interno permitiu que, via mobilização, os Estados interviessem, em escala ampliada, em todas as esferas da vida civil e privada"* (2000, p. 102).

De acordo com José Bernardo Toro: *"Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados"* (1996, p. 5). Nesse contexto, como ocorreu em outros países – territorialmente envolvidos – a mobilização de um *"front interno"* no Brasil foi amparada pela criação de órgãos federais e estaduais, como comitês, ligas e departamentos que visavam ao controle social e econômico através de campanhas, movimentos e ações sociais e comunitárias. O Paraná abrigou várias filiais desses órgãos a fim de manter firmes os propósitos governamentais e mobilizar a população frente aos terrores da guerra.

Instalaram-se no Estado a Liga de Defesa Nacional, o Comitê de Defesa Anti-Aérea, o Comitê de Defesa Passiva, a Liga dos Jovens Patriotas, a Liga Brasileira de Assistência, a Cruz Vermelha, entre outros, bem como foram realizadas por esses estabelecimentos campanhas como a Campanha da Borracha, as Obrigações de Guerra, a Campanha do Aço, do Estanho e do Alumínio, os exercícios de blecaute, os cursos de enfermagem e primeiros socorros e várias campanhas de arrecadação de donativos.

Com base nas discussões de Bernardo Toro (1996), concordamos que as pessoas são convidadas, mas participar ou não é uma decisão individual. Essa decisão depende essencialmente das pessoas se verem ou não como responsáveis e como capazes de provocar e construir mudanças, no nosso caso, se entendem ou não que são protagonistas no processo de construção da brasilidade invocada por Vargas.

Convocar vontades significa convocar discursos, decisões e ações no sentido de um objetivo comum, *"para um ato de paixão, para uma escolha que "contamina" todo o cotidiano"* (TORO, 1996, p. 5). Toda mobilização busca alcançar um objetivo pré-definido, um propósito comum, por isso é um ato de razão. Pressupõe uma convicção coletiva da relevância, um sentido de público, daquilo que convém a todos. Para que ela seja útil a uma sociedade ela tem que estar orientada para a construção de um projeto de futuro. Se o seu propósito é passageiro, converte-se em um evento, uma campanha e não em um processo de mobilização. A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados cotidianamente.

O propósito de continuidade é representado pelos órgãos governamentais, que figuraram na vida dos curitibanos através da presença física de seus imponentes edifícios e muito mais no desdobramento das ações por eles incentivadas. O conjunto da permanência representada pelos órgãos aliados a abrangência dos eventos de mobilização, são o cerne para pensarmos a mobilização social que foi proposta durante o governo Vargas e encampada no Paraná, através da figura de Manoel Ribas. Para que o leitor possa entender a ação desses "braços" do Estado na vida cotidiana de Curitiba, procuraremos apresentar brevemente os mais relevantes e que tiveram funções amplamente ligadas com a mobilização do "front interno" na capital paranaense.

Liga de Defesa Nacional

Dentre os órgãos instituídos para fomentar o projeto de nacionalização, a Liga de Defesa Nacional foi o que mais teve destaque na imprensa paranaense. O Diretório Regional era presidido pelo interventor em pessoa; Ribas tomou para si a responsabilidade de tornar a LDN no Paraná uma realidade.

O diretório significava, dentro da política de Ribas, uma vitória à parte, porque ali constava a fina nata da intelectualidade curitibana, contando com Brasil Pinheiro Machado, Wilson Martins, José Loureiro, Serafim França, Romário Martins, David Carneiro, entre outros. Benevides sugere que "o maior mérito de Manoel Ribas foi acenar para homens de projeção na tímida vida intelectual local", aproximando-se da elite pensante paranaense e fazendo com que ela atuasse a seu lado.

A importância dessa aproximação dá-se pelo fato do conservadorismo paranaense – representado por essa intelectualidade – ser um obstáculo duro a ser vencido, especificamente por uma interventoria de caráter ditatorial e pela resistência que estes tinham ao Estado Novo. Benevides (1991) propala que o interventor teve êxito em "*domesticar as classes conservadoras interessadas na manutenção de seus privilégios*", já que que a maioria dessas figuras proeminentes o combateram no início da década de 1930, quando havia sido nomeado para a interventoria estadual e seu modelo de governo "modernizador" era visto com desconfiança por eles.

Ao ser instalado no final de março de 1942, o diretório recebeu a incumbência de dar conta de fiscalizar e gerenciar todo tipo de manifestação patriótica,

particularmente os comícios, haja vista que no início daquele mês a capital vivenciara uma noite caótica, quando mais de dez mil pessoas saíram às ruas "exercendo seu civismo patriótico" contra os imigrantes eixistas.

A LDN era o órgão que tinha apreço incontestado do Presidente da República e do interventor estadual; por conseguinte, antes mesmo da homologação oficial a discussão acerca da instalação do Diretório Regional propiciou aos jornais um vasto número de páginas. Chamadas variadas noticiavam a chegada da LDN ao Paraná e ressaltavam a iniciativa de Ribas e de seus companheiros.

O Diário da Tarde noticiou a instalação da LDN como "*Paraná viveu sua maior hora cívica.*"¹; a Gazeta do Povo como "*Sublime espetáculo de civismo e brasilidade*"². Ambos os jornais divulgaram, no dia seguinte da cerimônia, os principais objetivos do Diretório Regional da LDN. Dentre os muitos itens que compunham as diretrizes da organização, destacamos o principal, que tratava de: "*Manter, em todo o Brasil a idéia de coesão e integridade nacionais, procurando facilitar e desenvolver as comunicações morais e materiais entre as unidades de nossa pátria.*"³ Logo, manter a população alinhada às premissas do Estado Novo.

De acordo com Boschilia (1995), a LDN permeava todas as questões relativas às datas comemorativas e eventos de importância nacional, como o desfile do Dia da Independência e outras manifestações cívicas que reuniam milhares de pessoas nas ruas da capital. Outra atividade característica da LDN era criar e desenvolver campanhas de arrecadação de fundos para a guerra e promover cursos para a formação de telegrafistas e operadores de rádio.

Comitê de Defesa Passiva Antiaérea

Em 01 de julho de 1942, foi divulgada, no Correio do Paraná, a instalação da Defesa Antiaérea de Curitiba, e em consonância com o referido periódico:

Curitiba, dada a sua importância, não poderia ficar alheia a esses movimentos. E dessa maneira, o Interventor Manoel Ribas regulamentou o assunto através do decreto nº 720, confiando à visão esclarecida e ao dinamismo empreendedor do Prefeito **Rosaldo** Gomes de Melo Leitão, a delicada incumbência de promover o estudo, coordenação e organização do plano geral de serviços da defesa passiva antiaérea desta capital, plano que

¹ Diário da Tarde, Curitiba, 26 de março de 1942, p. 01.

² Gazeta do Povo, Curitiba, 26 de março de 1942, p. 01.

³ Diário da Tarde, Curitiba, 23 de março de 1942, p. 01.

servirá de base a defesa dos demais núcleos populares do Estado (grifo nosso)⁴ (Correio do Paraná, Curitiba, 01 de julho de 1942, p. 01)

A criação do referido comitê teve como alicerce a maior preocupação com a organização coletiva em deferência aos ataques aéreos japoneses realizados em Pearl Harbor em 1941 e ao torpedeamento do navio Cabedelo na costa do Atlântico em fevereiro de 1942. Em Curitiba, circulavam cartazes da Comissão de Defesa Passiva Antiaérea ensinando a população a se proteger em caso da cidade ser atacada. Frisamos que esses cartazes, além de alertar a população e retratar a preocupação do Estado com relação à proteção das pessoas, tinham uma função subliminar, que era incutir na população o medo da guerra; afinal, aquilo que é experimentado tem muito mais possibilidade de tornar-se real. A população precisava sentir-se próxima do problema e ser envolvida por ele de maneira tão uniforme que pudesse cometer qualquer ato em nome da nação brasileira.

Além de panfletos, cartazes e das notícias na imprensa, o CDP organizou em Curitiba quatro exercícios de blecaute. Em um primeiro momento, o trabalho era realizado pelo Serviço de Divulgação e Propaganda (SDP), que divulgava o evento repetidamente no rádio, nos jornais, enviando agentes às escolas e espalhando cartazes por toda a cidade.

Esses blecautes tinham em média duas horas de duração, podendo ser parcial ou total. No parcial, somente a iluminação pública era apagada, já no total até as luzes residenciais deveriam ser apagadas. Evidenciamos durante a análise de fontes, a divulgação do 4º Exercício de Escurecimento de Luzes em Curitiba, que seria realizado no dia 18 de junho de 1943. Seu texto dispõe as seguintes informações:

INSTRUÇÕES GERAIS: 1 – Natureza – Alerta noturno com intervenção dos Serviços de Vigilância, Alerta, Polícia, Socorros Médicos de Emergência e contra incêndios. 2 – Objetivos – a) treinamento dos diversos serviços; b) verificar a execução dos cidadãos, das medidas relativas a extinção e velamento das luzes; c) correção das falhas observadas. 3 – Área a exercitar – Toda a cidade com inclusão do Município de São José dos Pinhais, Pinhais, Colombo, Tamandaré e Campo Comprido. 4 – Duração do exercício: Iniciar-se-á as 21 horas e terá duração de 2 horas. **PRESCRIÇÕES RELATIVAS A ABRIGO:** Serão admitidos como abrigos anti-aéreos: a) os pavimentos térreos dos edifícios de cimento armado com mais de 4 pavimentos; b) a galeria do Edifício Garvino, na rua XV de Novembro; c) a galeria do Edifício Nª Sª da Luz na Praça Tiradentes. **PROIBES-SE** abrigar-se no apeadouro dos bondes. **SINAIS DE ALERTA**

⁴ O nome correto do Prefeito de Curitiba é Rosalvo Gomes de Melo Leitão.

AÉREO: Serão emitidos por sireias, sinos, etc.: Os do código divulgados pela imprensa ("Conselhos" item IX sinais de advertência de alerta aéreo).
PENALIDADES: A Comissão de Defesa Passiva Anti-Aérea espera pelo espírito de cooperação dos cidadãos, no sentido de que sejam os resultados de tal exercício os melhores possíveis. Visando apenas instruir a população na execução das medidas ligadas a defesa passiva anti-aérea, a comissão aludida, tem a certeza de que não terá necessidade de aplicar as sanções instituídas pelo Dec. -Lei, nº 4.098. Declara, no entanto de que, se necessário for, fa-lo-á com a máxima energia (Gazeta do Povo, Curitiba, 17 de junho de 1943, p. 3).

Em Curitiba, os aviões, após o sinal de sirene, decolavam do aeroporto do Bacacheri e a partir daí tudo deveria estar apagado. Quem estivesse nas ruas deveria, na maior sutileza possível, encontrar um abrigo e aguardar o término do exercício. Aos desobedientes restava explicar à polícia e aos membros da comissão o motivo da intransigência, já que os aviões subiam carregados de sacos de areia, justamente para arremessar contra os locais que desrespeitassem o blecaute, marcando-os para a ação posterior, de responsabilidade da polícia.

Boschilia (1995) informa que esses exercícios alteravam os hábitos da população, já que era recomendado aos motoristas pintarem os faróis dos veículos ou cobri-los com um pano preto durante os exercícios, ou mesmo não trajar roupas escuras ao caminhar nas ruas, sujeitando os homens a deixar o paletó em casa. De acordo com a memorialista, "a reação da população oscilava entre o pânico e a total indiferença" (p. 26).

Zucon (1997) registra que embora as regras fossem precisas, nem todos colaboravam com o processo, deixando luzes acesas ou fazendo badernas nas ruas completamente escuras. Procurando informações sobre essas atividades noturnas, encontramos ainda na Gazeta do Povo do dia posterior ao blecaute uma matéria sobre o andamento do exercício; em dado momento, a reportagem trata das irregularidades cometidas durante o processo, alertando seus leitores que se o processo não foi totalmente exitoso, é culpa:

[...] naturalmente da ignorância de pessoas que [...] julgam poder desprezar as determinações superiores, esquecendo que esse mesmo descuido, repetido num caso real será de serias consequências para a segurança coletiva.⁵

Em conformidade com o jornal, foram encontradas algumas irregularidades consideradas graves, como luzes acesas no Armazém Scandar, no pavimento térreo

⁵ Gazeta do Povo, Curitiba, 19 de junho de 1943, p. 03.

da Universidade e na Rua Paula Gomes, 1149. Também houve uma ocorrência inusitada, na qual a polícia teve que forçar um senhor chamado Miguel Scaramela a entrar em sua casa e a apagar as luzes, já que este se recusava a fazê-lo por si só, "comprometendo" o resultado do exercício.

Havia também um grupo de pessoas fazendo grande algazarra na Rua Candido de Abreu. A CDP, junto com a DOPS, tomou as medidas necessárias para punir os infratores, e de acordo com própria comissão, "*o acatamento pela grande maioria da população as ordens emanadas, bem demonstra o espírito de cooperação existente entre o nosso povo e as autoridades [...]*." ⁶ Entretanto, o não acatamento das ordens por alguns indivíduos denota o não alinhamento total da população e ainda reafirma a ideia que o controle total pelo Estado era impossível.

Comparando as informações fornecidas por Marlene de Fáveri em relação aos exercícios de escurecimento em Santa Catarina, percebemos que, da mesma forma que em Curitiba, a sensação mais marcante era proporcionada pelo barulho dos aviões que sobrevoavam a cidade, "*na cidade, qualquer barulho anormal deixava as pessoas alertas*" (2005, p. 53). A possibilidade de ataques acentuava o medo e submetia as pessoas à disciplina do Estado; ações como os exercícios de blecaute somados à imensa gama de notícias veiculadas nos jornais auxiliavam na proliferação do medo coletivo.

Os exercícios cessaram quando a LDN julgou não serem mais necessários, a guerra já era dada como terminada nos jornais e a população já aparentava despreocupação em relação a possíveis ataques aéreos, bem como eram evitados os gastos com os deslocamentos de aviões e militares para a condução dos exercícios.

⁶ Idem



Figura 1 - Cartaz de orientação em caso de ataques aéreos - Fonte: Boschilia, Roseli. O cotidiano de Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial. In: BOLETIM Informativo da Casa Romário Martins (1995). Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, v.22 (107).

Cruz Vermelha – Filial do Paraná

A filial paranaense da Cruz Vermelha instalou-se em Curitiba em meados de 1917, desenvolvendo um trabalho completamente voltado a atender às contingências de guerra, promovendo campanhas de arrecadação e cursos de formação, como enfermagem e primeiros socorros. Além de preparar as moças para a importante função de socorro, a Cruz Vermelha desempenhou um papel "diplomático" entre as famílias de "súditos do Eixo" que se encontravam detidos e a DOPS. A permissão para esse trabalho foi solicitada em ofício confidencial pela sede nacional ao interventor Ribas, alegando que:

[...] entre as incumbências [...] figura a distribuição de mensagens escritas procedentes dos países inimigos, ou aos mesmos destinadas [...] em cooperação com a Polícia Civil do Distrito Federal, sendo a esta submetida toda correspondência eivada de suspeição.⁷

⁷ Cruz Vermelha – Pasta Temática nº396 – Topografia 45.

A Cruz Vermelha, junto com a Liga Brasileira de Assistência, desempenhou papel fundamental na mobilização do “*front interno*” em todo o país. Seu papel principal foi transformar a figura da mulher durante o período de guerra e utilizá-la como exemplo de coragem e servidão fiel aos chamados da nação. Na visão de Cytrynowicz, “*a mobilização para a guerra não apelava às mulheres apenas como enfermeiras. Cabia a mulher transformar seu amor pelo homem-soldado, que partia para a guerra, em patriotismo* (2000, p. 106).

Em 1943, ao comemorar o dia da enfermeira, a Gazeta do Povo publica um extenso texto enaltecendo o trabalho da Cruz Vermelha e a figura feminina nos tempos de guerra:

Primeira no perigo, estóica no sofrimento, humilde muitas vezes nos misteres, é hoje um elemento essencial da batalha, tanto mais precioso quanto são maiores os recursos da ciência que aplicados imediatamente podem salvar a existência dos feridos. Os encargos da mulher, na guerra moderna, não são inferiores aos dos homens. Lutam como guerreiras nas linhas de frente, pelejam como aviadoras, dirigem navios e em todas as ações comportam-se á altura da confiança e responsabilidade nelas depositadas.⁸

Em Curitiba, a imprensa ressaltava positivamente a figura da enfermeira e da mulher paranaense, de uma forma que estas levassem para suas casas “a necessidade de servir o país”, incentivando outras pessoas à mobilização pela guerra.

Liga Brasileira de Assistência

A LBA filial do Paraná possuía vários setores para atender às necessidades dos soldados e de suas famílias, bem como dar guarida às famílias pobres de Curitiba. Tinha seu trabalho vinculado à LDN e à Cruz Vermelha, mas contava com o respaldo especial de Darcy Vargas, como ressaltava a manchete do jornal “A Legião Brasileira de Assistência, sob o patrocínio da primeira dama do país, é hoje uma colméia de trabalho intenso em favor do soldado brasileiro.”⁹

Essa “colmeia de trabalho” fazia referência à divisão nucleada da LBA, na qual as voluntárias dividiam-se em atividades específicas que iam desde a

⁸ Gazeta do Povo, Curitiba, 12 de maio de 1943, p. 2

⁹ Gazeta do Povo, Curitiba, 26 de maio de 1943, p. 6

confeção de roupas, arrecadação de alimentos, visitas e palestras nas escolas, procurando diminuir a tensão da guerra. Em Curitiba, sob o comando da primeira-dama Anita Ribas, os comitês de socorro realizavam campanhas de arrecadação de roupas, calçados e gêneros alimentícios, que eram destinados à LBA e aos subcomitês de auxílio como o Subcomitê de Socorro às Vítimas da Polônia e à Cruz Vermelha.

Destacamos que, dentro da alta sociedade curitibana, a LBA representou – juntamente com a LDN – um dos maiores núcleos de mobilização do “*front interno*” paranaense. A presença da primeira-dama do Estado denota muito mais que o mero comprometimento social com a causa da guerra. Conquistando a confiança das mulheres da alta sociedade e mobilizando-as dentro do contexto do racionamento, das filas e do medo do “outro”; o governo abre caminho em muitos lares, ganhando com isso – mesmo que seja como consequência direta da participação das mulheres – força no âmago da família paranaense.

A figura feminina é exemplo de dedicação à pátria e respeito aos chamados da nação, que pede o engajamento de toda a população nas campanhas de arrecadação, na vigilância do imigrante subversivo, na manutenção do conservadorismo e principalmente na aprovação do regime autoritário, tão bem representado por Ribas no Paraná.

A Liga ainda tinha o propósito de realizar campanhas de arrecadação de matérias-primas, como borracha e metais como alumínio e estanho. A campanha da borracha foi uma das mais divulgadas pela imprensa; segundo a Gazeta,

A Campanha da Borracha Usada é de poderosa expressão à causa das Nações Aliadas [...] de vez que ela concorrerá vigorosamente para a preparação do instante necessário em que se verificará **o triunfo das Democracias**” (grifo nosso)¹⁰.

Essa campanha¹¹ também tinha o propósito de envolver as crianças das escolas públicas e particulares na arrecadação e na coleta do “precioso material”. Essas crianças seriam divididas por classes, e cada classe constituiria um pelotão de Voluntários da Borracha. O caráter lúdico que está por trás da campanha não fica

¹⁰ Gazeta do Povo, Curitiba, 07 de julho de 1943, p. 3.

¹¹ A campanha da Borracha foi elaborada visando a um melhor aproveitamento dos materiais confeccionados à base de látex, pois a demanda da matéria-prima era muito grande e o reaproveitamento da borracha era possível e necessário. Logo, qualquer tipo de borracha era aceito para as doações, sendo o principal alvo das crianças os pneus.

apenas nisso, cada pelotão possuía uma bandeira de cor azul e a cada cem quilos de borracha arrecadados uma estrela branca era anexada à bandeira. Não obstante, os cinco melhores colocados individualmente receberiam prêmios, os alunos de Curitiba que participassem da campanha e se empenhassem seriam contemplados com os seguintes prêmios:

1º lugar – Audiência com o Interventor Federal. 2º lugar – Um vôo. 3º lugar – Um passeio à Granja do Canguiri. 4º lugar – Um passeio à Mina de Ouro. 5º lugar – Uma visita ao Campo de aviação. Ainda como prêmios de consolação, entradas grátis de cinema. Para incentivo, estabelecendo uma amigável rivalidade entre alunos, classes e escolas, deverá haver um quadro para registro diário da quantidade coletada pelos alunos individualmente e por classe (Gazeta do Povo, Curitiba, 15 de julho de 1943, p. 3).

Alertamos para a engenhosidade da campanha, que a partir do momento que torna a participação escolar passível de premiação, incita o espírito competitivo presente nas crianças. Por conseguinte, o envolvimento dos pais e de outros adultos torna-se inevitável dada a fragilidade dos pequenos. Por mais que os pais tenham posicionamentos favoráveis ou não à campanha, teriam dificuldades de explicar aos filhos o motivo da mesma.

O envolvimento efetivo dos adultos é uma meta da LBA, a utilização das crianças é uma ótima forma de manejo e o primeiro prêmio era um chamariz muito mais aos pais – principalmente para aqueles declarados fervorosos nacionalistas – do que para as crianças. Cremos que não é necessário um doutorado em pedagogia para aceitar que uma audiência com o interventor estadual seria prontamente substituída por um brinquedo ou qualquer coisa que valha às crianças. Destarte, a possibilidade do encontro com "tão digna autoridade" envolvia muitos pais, que auxiliariam, de prontidão, os filhos conquistarem a premiação.

Exército de Salvação e a Liga dos Jovens Patriotas

Além das agremiações oficiais, circularam em Curitiba materiais referentes a outros grupos de auxílio à pátria e em sua defesa; desses grupos, podemos evidenciar a existência¹² do "Exército de Salvação", que panfletou na capital e em

¹² Exército de Salvação – Pasta Temática nº 155 – Topografia 117 – A pasta dispõe de alguns panfletos e faz referência mínima a circulação desses em Curitiba.

todo o Brasil solicitando auxílio financeiro para supostas obras de caridade, asilos e orfanatos nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais. Todavia, o conteúdo da pasta é mínimo e nada encontramos a esse respeito nos jornais pesquisados.

Já em outra pasta, intitulada Liga dos Jovens Patriotas, encontramos um boletim impresso de uma agremiação que julga lutar pela pátria brasileira, independentemente se for contra o Eixo ou contra os Aliados, mas sempre pela pátria. Segundo o boletim, a referida liga:

É uma organização de moços brasileiros, civis e militares, que assumiram o compromisso de tudo fazer para o engrandecimento da Pátria e lutar contra quem quer que procure prejudicá-la, humilhá-la ou dominá-la por qualquer meio.¹³

Acusam Osvaldo Aranha de "quinta colunismo americano", entendendo que este deseja tomar a presidência de Vargas e acreditam que logo todos os traidores do Brasil seriam desmascarados. Na pasta, existem apenas duas folhas, sendo uma com esse boletim e outra com o Ofício 3515, destinado à chefia de polícia, informando sobre a circulação do referido pelos correios, chegando a inúmeras residências curitibanas. Não evidenciamos documentos ou informações que comprovem esse funcionamento no Paraná.

Considerações finais

O alinhamento total da população com o governo, era esse o mínimo esperado por Vargas e seus interventores e não seria possível obter resultados positivos em relação à guerra se ocorresse um grande descontentamento popular. Para Ribas os paranaenses deveriam ser responsáveis por sua nação e exemplos de cidadãos, se entendemos que: *“Não aceitar a responsabilidade pela realidade em que vivemos é, ao mesmo tempo, nos desobrigarmos da tarefa de transformá-la, colocando na mão do outro a possibilidade de agir”*. (TORO, 1996, p. 8), podemos afirmar que a população paraense, fortemente representados pelos habitantes da capital, foram participantes ativos desse processo de nacionalização proposto por

¹³Liga dos Jovens Patriotas – Pasta Temática nº1285 – Topografias 150.

Vargas, mesmo tendo que encarar a escassez e dificuldades ainda não percebidas fora do período de guerra.

A partir desse enfoque, concluímos que, mobilizar a população através da possibilidade da guerra se desdobrar em território nacional era apelar para o maior medo existente maior que a escassez, representada pela falta de açúcar ou da gasolina, da inflação ou do desemprego. Ribas percebeu isso e utilizou-se do prestígio que tinha, tanto com a elite intelectual curitibana tanto com os setores mais pobres do povo, para manter o Paraná completamente alinhado às políticas do Estado Novo e como representante ilibado na lista de estados apoiadores ao Plano de Nacionalização.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Cezar Augusto Carneiro. **Terra sem Passado**: um estudo do Paraná contemporâneo. 1991. 237 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOSCHILIA, Roseli. O cotidiano de Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins** (1995). Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 23 (107).

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo, Geração Editorial/Edusp, 2000.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 1942 – 1943.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (Outra) Guerra**: Cotidiano e Medo Durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2005.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 1942 – 1943.

TORO, José Bernardo. O que é mobilização social. In: TORO, J. B. & WERNECK, N. M. D. **Mobilização Social**: Um modo de construir a democracia e a participação. UNICEF, 1996.

ZUCON, Otávio. Comunidade Cindida: dissensão e conflito em Curitiba na II Guerra. Curitiba, **Revista de Sociologia e Política**, nº 9, 1997. p. 103-114.